

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DJARIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	23. JAN. 1980
DIA		CAPITAL	
DIARIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			



Tito de Moraes ao "DL"

Chegou a hora de falar claro



Tito Moraes, um dos fundadores do Partido Socialista, que abandonou com Manuel Alegre e Jaime Gama o Secretariado do PS, após a reunião da Comissão Nacional, no Porto, falou-nos do que aconteceu e, sobretudo, do futuro do Partido Socialista.

«DL» — Com a vitória dos chamados «tecnocratas» e com o novo Secretariado, que imagem irá ter agora o PS?

TM — É ainda muito cedo para dizer qual a imagem que vai resultar do novo Secretariado. Até aqui tem-se verificado uma divergência entre o que se dizia e o que se fazia. Daí que isso provocasse uma grande apreensão nas bases do Partido. E chegou, com esta reunião da Comissão Nacional, a altura de falar claro. Falar claro ao povo, aos militantes, para que a nossa acção possa condizer com as nossas palavras...

«DL» — Isso é uma crítica à actuação do PS nos últimos tempos?

TM — É uma crítica à actuação da direcção do PS, da qual eu fiz parte, como se sabe, e ainda faço como membro da Comissão Nacional. Direi que é também uma autocritica. Fui sempre, por disciplina partidária, solidário com as decisões do Secretariado, o que não significa que, dentro dos órgãos do Partido, não me tenha oposto a essa política. Acho que o choque produzido por esta reunião do Porto poderá levar a rever essa política, mesmo pelo Secretariado que acabou por ser eleito. Curiosamente vemos alguns dos responsáveis do novo Secretariado do PS defender, agora, em público, as teses contra as quais votaram na Comissão Nacional. Isto pode querer dizer que, no íntimo, a intenção de todos, maioria e minoria na Comissão Nacional, é realmente não fazer alianças à direita. Mas, em minha opinião, nada impede que isso seja dito muito claramente, tanto mais que se diz claramente, que não se fazem alianças à esquerda. Não há razão para que não sejamos tão claros de um lado como de outro.

«NÃO SE FALAR A VERDADE»

«DL» — A questão das alianças foi de facto o ponto polémico da reunião da Comissão Nacional. Pode explicar melhor o que se passou?

TM — Nós pensávamos e pensamos que era absolutamente indispensável esclarecer esse problema. Não bastava dizer que não se faziam alianças com a AD. Era necessário concretizar esta

política, afirmando que não se faziam alianças com a AD nem com nenhum dos seus componentes, particularmente o PSD. Há dias recebi de um anónimo uma fotocópia com uma frase de Raul Proença e que diz aquilo que eu penso também sobre o assunto. Dizia Raul Proença: «É a verdade. É a verdade, à sinceridade, à absoluta lealdade e probidade de pensamento que é mister habituar o povo português.» Isto para mim tem um significado muito especial. Não há razões políticas, não há razões tácticas que justifiquem não se falar a verdade. E isso infelizmente tem acontecido até agora.

«DL» — Mas elementos da «maloria» já afirmaram que não haverá alianças com o PSD.

política e consigo próprio que perdeu a importância que teve depois da II Guerra Mundial. Está agora a procurar reabilitar-se, mas vai ser muito difícil. O PCI ocupou-lhe o espaço. Nós, se não nos mantivermos sempre muito coerentes, se não soubermos sempre defender a nossa verdadeira posição política e funcionarmos em termos oportunistas, temos o futuro do Partido Socialista Italiano. E isso será muito grave para a democracia.

«DL» — Isso é uma análise e um aviso ao PS? Tem o Partido Socialista tido uma actuação oportunista?

TM — Creio que cometeu erros oportunistas em vários momentos da sua actuação, mas isso também se deve à Revolução, aos seus excessos (que afinal

eleições, devido à falta de coerência das nossas posições, achei que não devia continuar no Secretariado, pois dava lugar a interpretações que não queria.

«DL» — Concorda com a afirmação do seu camarada Jaime Gama de que o PS pode degenerar no Partido Socialista europeu mais à direita?

TM — Não, não concordo. O PS não são as cúpulas. Se se tivesse dito que a política seguida pela direcção do Partido era uma política que pouco tinha a ver com uma política socialista e poderia ser considerada uma política de direita, aí talvez eu estivesse de acordo. Mas dizer que o PS é um partido de direita, ha, isso não é. Há uma certa divergência entre a direcção do Partido e o próprio partido. Essa

tecido nas suas cúpulas e daí a vantagem de se fazer um Congresso. Só que um Congresso, agora, em ano de eleições ia prejudicar o PS em termos eleitorais. Mas ele deverá ser feito logo que possível, depois das eleições.

«DL» — Então, como se deverá apresentar o PS nas próximas eleições?

TM — Deverá afastar a ideia, governamentalista e eleitoralista. O PS só poderá vencer estas eleições se se apresentar com o seu próprio projecto, defendendo as suas próprias posições que estão na Declaração de Princípios. É afirmando a nossa identidade que ganharemos as eleições e não para conquistar a qualquer preço a possibilidade de ser Governo. O grito de entu-

como objectivo fundamental destruir o PS. Quando se pretende aliar o PS à AD ou ao PC procura-se invalidar o projecto autónomo do PS. E a destruição do PS é a destruição de toda a Revolução de Abril. O PS é e continuará a ser uma força preponderante e teremos de continuar a lutar contra as tendências de bipolarização.

«DL» — Fala-se de uma frente que incluirá a ASDI, e a UEDS, e Maria de Lurdes Pintasilgo?

TM — Alguns desses elementos podem dar um bom contributo. Não em termos de eleitorado mas em termos de apoio político. Quanto a Maria de Lurdes Pintasilgo tentou pôr a casa em ordem de acordo com a Revolução de Abril. E é por isso que ela é atacada e a forma de ataque não dignifica quem o faz. É um sintoma grave...

«DL» — E também um convite?

TM — Não é um convite porque eu não estou habilitado. Se estivesse, fá-lo-ia certamente. Maria de Lurdes Pintasilgo, no breve espaço de tempo que passou pelo Governo, afirmou-se com uma estadista de grande gabarito. Nós não temos muitos e há que aproveitar, aqueles que se afirmam.

Depois de sublinhar que a questão das eleições presidenciais ainda não tinha sido debatida no partido (nem sequer a possível candidatura de Mário Soares) o eng. Tito Moraes afirmou a posição já expressa por outros «históricos» de que não se «pode apostar na divisão da AD. Temos de apresentar uma alternativa. E a alternativa está na formação de uma Frente de orientação socialista. Apontar para uma aliança com um componente da AD é não sair da ambiguidade». E conclui sobre as divergências no PS: «Não se pode especular sobre essas divergências. É importante que um debate desta importância se verifique no PS.

Fundação Cuidar o Futuro



TM — Sim, isso é verdade. Parece haver uma convergência de opiniões, o que eu não percebo é que não se queira afirmar isso num documento aprovado na Comissão Nacional. E recordo o que aconteceu? com o II Governo Constitucional. Antes da Aliança com o CDS, afirmava-se que não se negociaria aliança à direita e depois essa aliança verificou-se. Ela pode ser explicada, tudo tem uma explicação. Disse-se que havia necessidade. Foi o que se viu. Neste momento em que nos vamos empenhar numa campanha eleitoral muito importante para o nosso País, importa reafirmar que não se farão alianças à direita e actuar de acordo com essa afirmação.

«DL» — Quando se fala na quebra eleitoral do PS aponta-se sempre o exemplo do Partido Socialista Italiano...

TM — Foi pelo PSI não ser muito coerente com a sua política e consigo próprio que perdeu a importância que teve depois da II Guerra Mundial. Está agora a procurar reabilitar-se, mas vai ser muito difícil. O PCI ocupou-lhe o espaço. Nós, se não nos mantivermos sempre muito coerentes, se não soubermos sempre defender a nossa verdadeira posição política e funcionarmos em termos oportunistas, temos o futuro do Partido Socialista Italiano. E isso será muito grave para a democracia.

«DL» — Então, há quanto tempo não concorda com a política seguida pelo Partido Socialista?

TM — Há muito tempo, talvez desde o VI Governo Provisório. Considerei, então, que não seria oportuno tornar público a minha divergência, porque poderia ser traumatizante para as bases do Partido. Depois do desastre das

divergência resulta do facto do debate político interno ter sido pouco praticado. O PS, depois do 25 de Abril, empenhou-se na vida política e descurou a sua própria organização. Daí resultou que os órgãos dirigentes do PS se foram afastando das bases e isso prejudicou a actuação das direcções.

«DL» — Antevê o seu afastamento?

TM — Hoje, os órgãos directivos não correspondem exactamente ao sentimento das bases do PS. Têm-se trilhado caminhos errados, mas penso que é possível entrar no caminho certo, mesmo com os próprios que dirigem hoje o PS.

«DL» — Evitar a bipolarização?

TM — A bipolarização tem

«DL» — Os «maloritários» têm dez meses para mudar o PS. Os «históricos» terão «jogado» a médio prazo, isto é, se o PS perder as eleições?

TM — Isso é quase verdade, mas não é completamente verdade. Nós pensamos que é preciso voltar a dar ao PS a imagem que ele sempre teve e se deteriorou. Que é talvez preferível (pode parecer uma barbaridade) perder as eleições e construir um PS muito forte, ideologicamente forte, a ganhar mesmo as eleições. Agora o que eu penso é que uma coisa não é incompatível com a outra, porque ideologicamente nas suas bases, o PS é muito forte, o que não tem acon-

UM CERTO CONVITE

«DL» — Os «maloritários» têm dez meses para mudar o PS. Os «históricos» terão «jogado» a médio prazo, isto é, se o PS perder as eleições?

TM — Isso é quase verdade, mas não é completamente verdade. Nós pensamos que é preciso voltar a dar ao PS a imagem que ele sempre teve e se deteriorou. Que é talvez preferível (pode parecer uma barbaridade) perder as eleições e construir um PS muito forte, ideologicamente forte, a ganhar mesmo as eleições. Agora o que eu penso é que uma coisa não é incompatível com a outra, porque ideologicamente nas suas bases, o PS é muito forte, o que não tem acon-